



Arte e saúde mental: a arte contemporânea e suas relações com clínica no CAPS infantil de Pelotas

Maria Stella Weikamp Martinelli¹

stellamartinelli@yahoo.com.br

Universidade Federal de Pelotas - UFPEL

Claudio Tarouco de Azevedo²

claudiohifi@yahoo.com.br

Universidade Federal de Pelotas - UFPEL

Resumo: O presente artigo apresenta uma pesquisa que está sendo desenvolvida no curso do mestrado em Artes Visuais na Universidade Federal de Pelotas – UFPel. O tema tratado, a arte no contexto terapêutico, tem como objetivo uma reflexão acerca das relações entre as oficinas de arte e a saúde mental. Propõe discutir de que maneira a arte atravessa a clínica “psi” acompanhando os ideais da reforma psiquiátrica. Os referenciais teóricos estudados para essa fase inicial da pesquisa transitam por conceitos que envolvem a psique e o sensível. Autores como Félix Guattari e Suely Rolnik contribuem com o conceito de subjetividade. A educação do sensível é abordada por Duarte Jr. Marilena Chaui colabora com o conceito de cultura e Carl Gustav Jung enriquece a discussão com o conceito de inconsciente coletivo. A abordagem metodológica sociopoética é pertinente porque se inspira em Paulo Freire no desafio de dar voz aos excluídos e se fundamenta essencialmente nas questões do inconsciente e nesse sentido contribui para produção de subjetividades.

Palavras-chave: Arte; subjetividade; inconsciente.

Nas últimas décadas a velocidade das inovações tecnológica influenciou, fortemente, os modos de vida da sociedade contemporânea. A degradação do meio ambiente e a falta de sensibilidade para as questões de ordem afetiva em detrimento dos valores do capitalismo solicitam, se não uma resposta, uma reflexão acerca da crise ecológica e social a qual nos encontramos,

[...] no século XX, o paciente em crise é o próprio mundo...Os novos sintomas são fragmentação, especialização, hiperespecialização, depressão, inflação, perda de energia, jargões e violência. Nossos prédios são anoréxicos; nossos

¹ Graduada em Artes Visuais Licenciatura pela Universidade Federal de Pelotas, mestranda no Programa de Pós Graduação em Artes Visuais na Universidade Federal de Pelotas linha de pesquisa: Ensino da Arte e Educação Estética. Técnica em Artes do Centro de Atenção Psicossocial da Prefeitura Municipal de Pelotas.

² Graduado em Artes Visuais Licenciatura e Bacharelado pela Universidade Federal de Rio Grande – FURG. Doutor e mestre em Educação Ambiental no Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental – PPGEA da FURG. Bolsista CAPES do Programa Nacional de Pós Doutorado (PNPD) no Mestrado em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas.



negócios, paranóicos; nossa tecnologia, maníaca. (SARDELLO apud DUARTE JR., 2001, p.19)

Para João Francisco Duarte Jr. o mundo de hoje empobrece nossos sentidos as “atividades corriqueiras como morar, caminhar, conversar, comer, tocar, ver, cheirar e trabalhar, ações estas comuns a todos nós e cuja qualidade vem se deteriorando a olhos vistos” (DUARTE JR. 2001, p.18) estão ficando cada vez mais doentias. Frequentemente demonstramos um desprezo quando se trata do refinamento dos sentidos.

A filósofa Marilena Chauí e a psicanalista Suely Ronik destacam que nossa cultura, ainda hoje, é segregativa. Para Chauí existem apenas dois grupos de cultura: a da comunidade onde todos os indivíduos se conhecem e “compartilham os mesmos sentimentos e ideias” baseados em narrativas míticas sobre sua origem. E a cultura das sociedades, aonde:

As relações não são pessoais, mas sociais, isto é, os indivíduos, grupos e classes se relacionam pela mediação de instituições como a família, a escola, a fábrica, o comércio, os partidos políticos e o Estado. (CHAUÍ, 2000, p.377).

Rolnik afirma que: “No fundo, só há uma cultura: a capitalista.” (ROLNIK, 2011, P.31). A cultura capitalista de classes sociais faz o julgamento de valor e manipula as pessoas. Através de imagens midiáticas somos influenciados no que comer, no que beber, como morar, como nos relacionar com o outro, que corpo devemos ter e assim por diante.

Segundo Félix Guattari a uniformização midiática e telemática manipula mentalmente os modos de ser “como uma espécie de padronização do comportamento” (GUATTARI, 1993, p.7) valorizando o que convém num jogo de interesses econômicos. Na análise de Guattari faz-se necessário uma intervenção humana que permita a apreensão dos fatos do mundo pelo afeto.

João Francisco Duarte Jr. ressalta a importância da educação do sensível. Para ele o desenvolvimento da sensibilidade só é possível se houver:

[...] uma reorientação do nosso estar-no-mundo, a qual, sem sombra de dúvidas, precisa contar tanto com novas visões do que seja o pensamento científico e a



ação técnica, como também do que significa uma vida em equilíbrio sensível com o planeta. (DUARTE JR., 2010, p.29)

Mas o que é viver uma vida em equilíbrio? Muitas vezes dizemos que a vida é uma loucura! Quem é louco e quem não é em uma sociedade de consumo aonde o que mais importa é ter e não ser?

Desde que fui nomeada em janeiro de 2014, pela Secretária da Saúde, para o cargo de técnica em arte do CAPS³ infantil juvenil de Pelotas, comecei a pensar: Que questões da saúde mental afetam a nossa vida no dia-dia? O que de fato sente o indivíduo que se encontra em sofrimento mental? Para compreender melhor os diferentes modos ser, e na tentativa de desencadear um processo da ordem do subjetivo, compartilho a ideia de Suely Rolnik de que a

[...] subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e de criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo que eu chamaria de singularização.” (ROLNIK, 2011, p.42).

Um conceito importante desenvolvido na psicologia analítica de Carl Gustav Jung é o da individuação, que “corresponde a tornar-se um ser único, na medida em que por individualidade entendemos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável.” (JUNG, 1928/1981, parág. 267-8 apud Ciência & Vida, p.10).

Para trabalhar com essa singularidade que é própria de cada um, os objetivos da pesquisa consistem em oferecer as crianças usuárias do CAPS práticas artísticas e expressivas de desenho e dançaterapia que pretendem atravessar a clínica ampliando as possibilidades dos usuários dialogarem com a mente e o corpo para a produção de subjetividades no campo do sensível.

A metodologia da pesquisa é a sociopoética por se tratar de uma ciência preocupada com as questões do humano, saberes do sensível, mas diferentemente das abordagens tradicionais que utilizam entrevistas e questionários os sociopoetas se

³ Centro de Atenção Psicossocial, trabalha com crianças e adolescentes de 4 a 18 anos que sofrem transtornos mentais graves: psicose, neurose, fobias, depressão e demais quadros severos e persistentes. O CAPSi é uma instituição pública, mantida pela Prefeitura e Universidade Católica de Pelotas



preocupam fundamentalmente com as questões inconscientes do grupo pesquisador, que estão oprimidas. Em seus estudos Jung analisa que existem duas camadas do Inconsciente.

A camada pessoal contém lembranças perdidas, reprimidas, ou conteúdos que, por falta de intensidade, não ultrapassaram o limiar da consciência. Além dessa, existe outra que recebeu o nome de Inconsciente coletivo, que é universal e cujos conteúdos, os arquétipos, podem ser encontrados em toda parte. (JUNG, 1928/1981, parags.103 e 203-5 apud Revista Ciência & Vida, p. 11).

A escolha do método sociopoético está no fato da metodologia ser inspirada na obra de Paulo Freire, que em seu maravilhoso trabalho sempre procurou dar voz aos “excluídos”, além disso, no campo da arte se constitui como processo de criação de novas técnicas expressivas a partir de experiências pessoais de vida para a produção de dados de pesquisa em educação, saúde e arte.

Resultados e discussões

Entendemos que a importância maior da arte está na riqueza de fortalecimento dos laços afetivos. A arte pode estimular e ampliar o potencial criativo, a imaginação e a expressão, colaborando na conquista do próprio espaço da criança, tornando-a mais independente no sentido de superar suas fragilidades e limitações.

As oficinas se tornam terapêuticas quando possibilitam aos usuários do serviço lugar de trocas afetivas, acolhimento e aprendizagem.

Considerações finais

A pesquisa está em andamento e as oficinas ainda estão em caráter experimental, mas já podemos observar a partir de relatos e falas dos usuários e pais, que a dançaterapia em conjunto com o desenho aumentou a autoestima, observamos sorrisos de quem nunca sorria, e o aumento da disposição física para realizar algumas atividades domésticas que antes não se fazia.



Referências

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. *O sentido dos sentidos a educação (do) sensível*. Curitiba, PR, Criar edições: 2010

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Campinas, SP: Papirus: 1990.

GUATTARI, Félix. ROLNIK, Suely. *Micropolíticas Cartografias do desejo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GUAUTHIER, Jaques. *Sociopoética o livro do iniciante e do orientador*. Disponível em <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/>>. Acesso em 10 de set 2014.

Revista Ciência & Vida, 2008 – Ano III – Número 07